

CADERNOS HISTÓRIA DA PINTURA NO BRASIL

Abstracionismo

Marcos Históricos



Instituto Cultural Itaú



Banco de Dados Informatizado

Módulo Pintura
Setor Pintura no Brasil

1993

Contemporânea

GRUPO RUPTURA

[São Paulo, 1952]

Fundadores: Anatol Wladyslaw, Charoux, Féjer, Geraldo de Barros, Leopoldo Haar, Sacilotto e Waldemar Cordeiro

Histórico/Objetivos

Núcleo básico do **Grupo Concreto Paulista**, o Grupo Ruptura surgiu em torno da polêmica figura do pintor e crítico de arte Waldemar Cordeiro, que promoveu reuniões periódicas para o estudo do abstracionismo baseado nos pressupostos de Kandinsky, Mondrian e nas teorias da Gestalt.

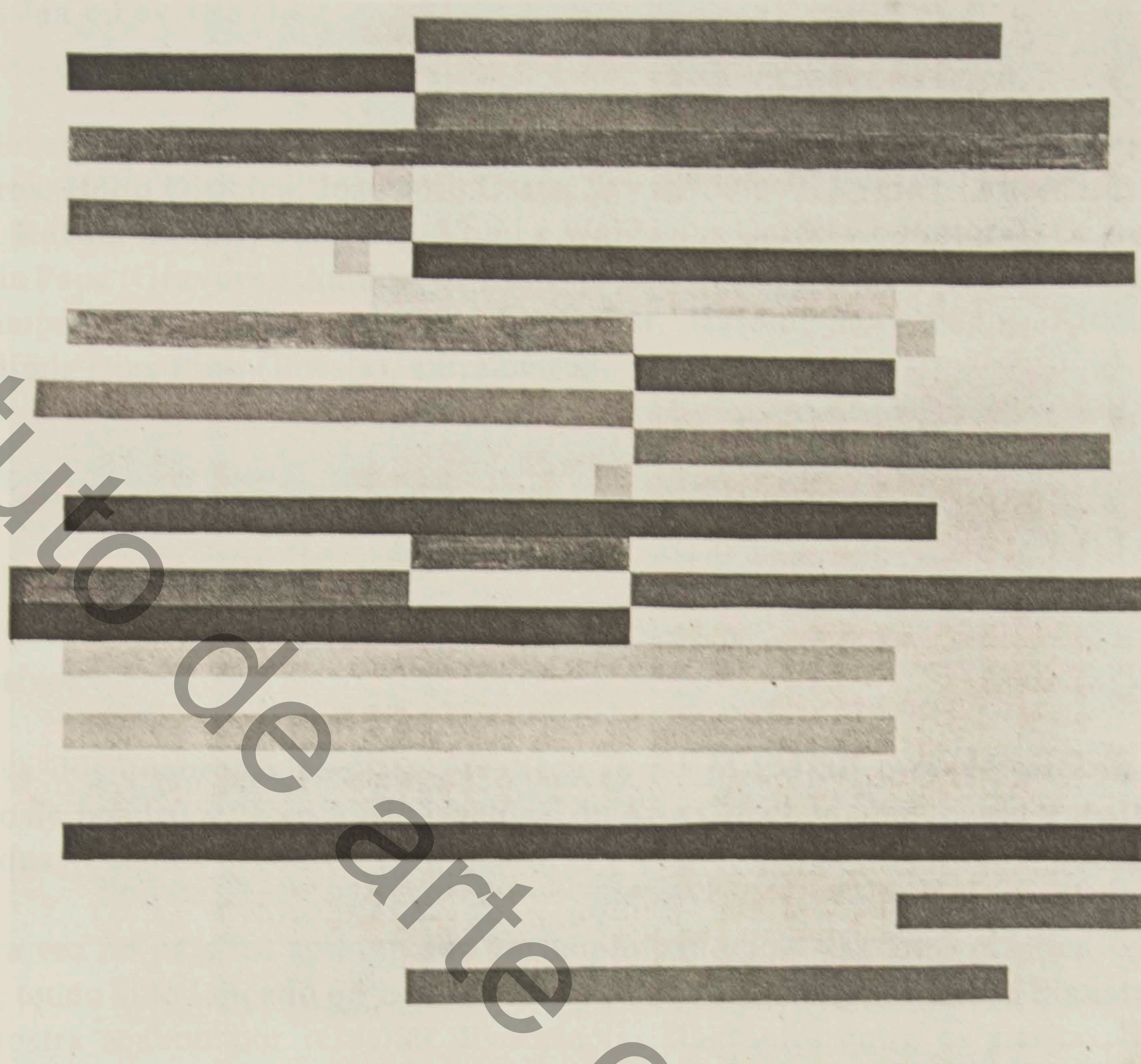
Com uma exposição realizada no MAM/SP, o Grupo lança seu manifesto, no qual se posiciona contra toda forma de pintura naturalista assim como contra o “não-figurativismo hedonista”. Buscam, com uma obra de caráter geométrico, “a renovação dos valores essenciais da arte visual”. Cordeiro, como teórico do movimento, preocupado com a função social da arte, pregava a necessidade da integração do artista e do intelectual na produção industrial.

Gabriela Wilder referindo-se aos integrantes do Ruptura diz que “o trabalho prático, artesanal, era para diversos deles apenas uma consequência, uma demonstração, o produto de uma idéia. O importante era ilustrar suas teorias, não vender pinturas. O importante era renovar, abalar as estruturas da política cultural vigente (...)”. Em meados dos anos 50, integraram-se ao concretismo paulista outros artistas, como Fiaminghi, Judith Lauand e Maurício Nogueira Lima.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

São Paulo, Dez 1951

Edição de Início de 1951

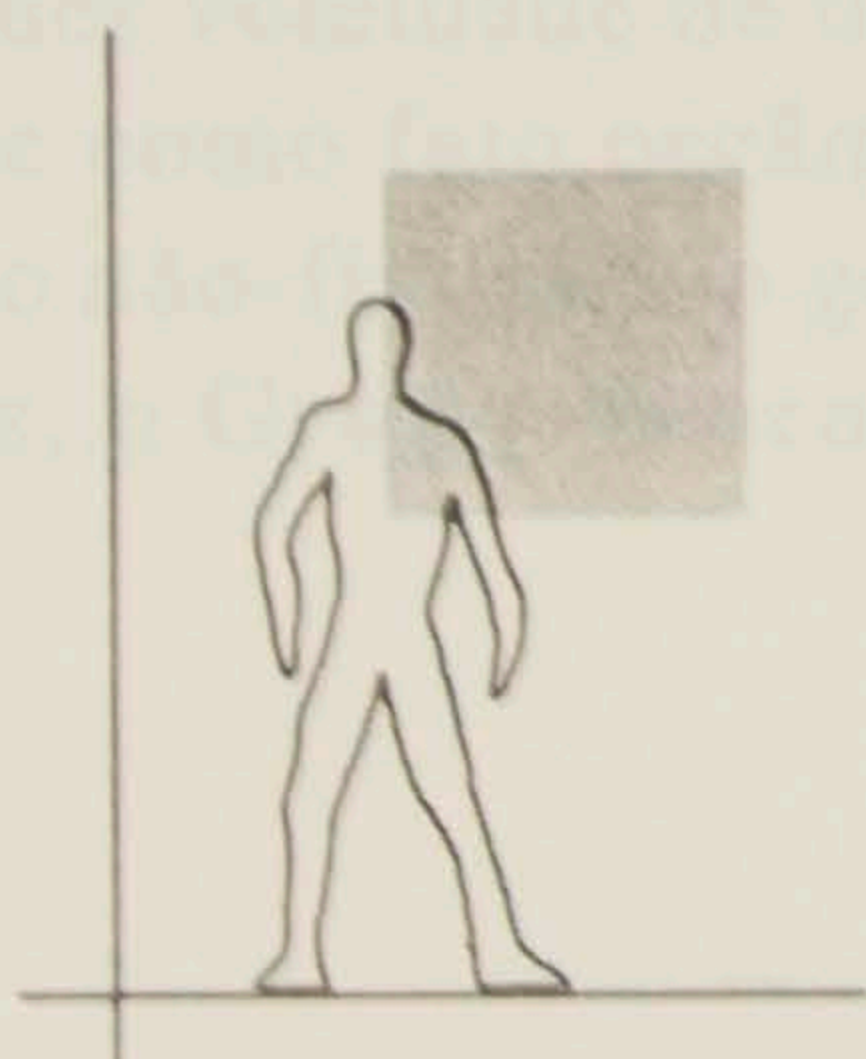


Histórico/Objeto

Por iniciativa da
Educação do Rio de Janeiro,
de artistas das diversas
plataformas.

Fala primeira vez sobre a
poesia concreta, tendo em
Educação, a ideia de
levariam ao conhecimento dos católicos com o conceito

Para Roberto Pontual, "de um lado, propunha-se
de para visibilidade da forma, na poesia como na arte,
qualquer veiosidade de dimensão simbólica. Do outro, arde
de arte como forma poética, e não como mera técnica, ou
âmbito do movimento geométrico. Esta consequência da
depois, a poesia concreta, a poesia



Waldemar Cordeiro
Movimento, têmpera sobre tela,
90,1 x 95,3 cm, 1951
Acervo MAC/USP

instituto de arte contemporânea

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTE CONCRETA

[São Paulo, Dez 1956]

[Rio de Janeiro, Jan e Fev 1957]

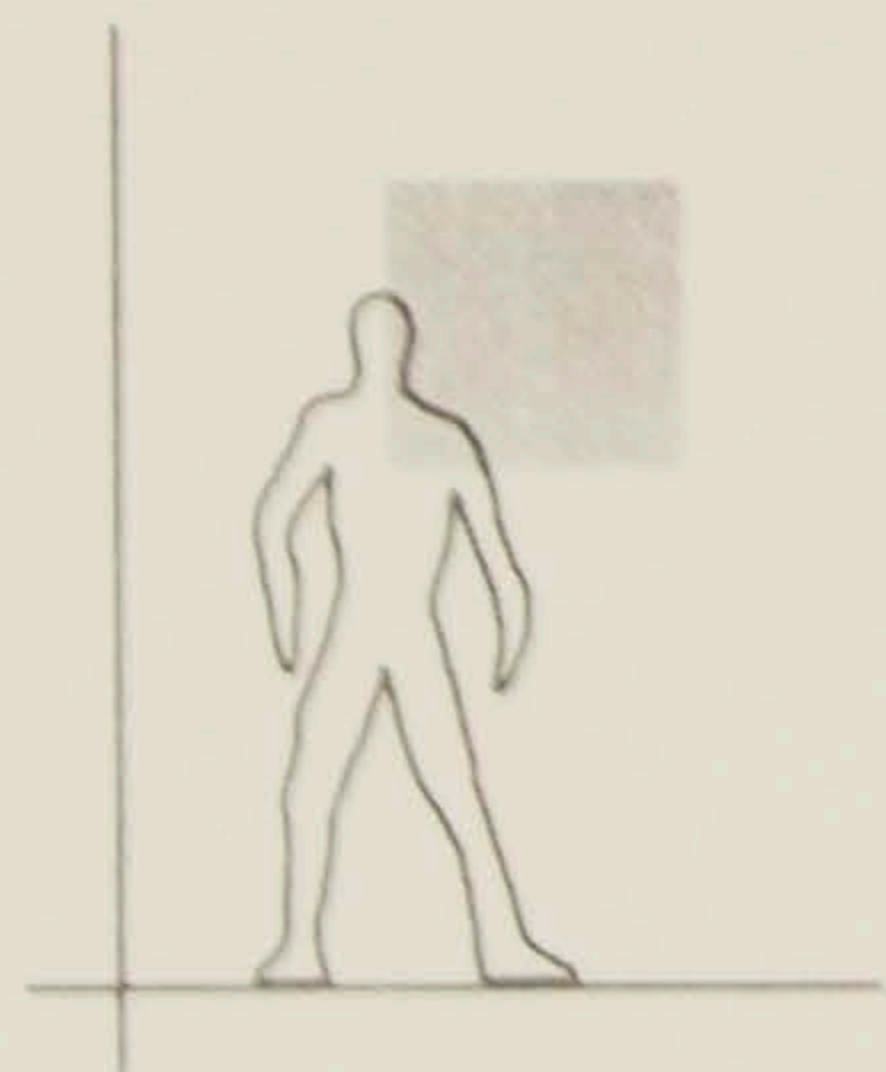
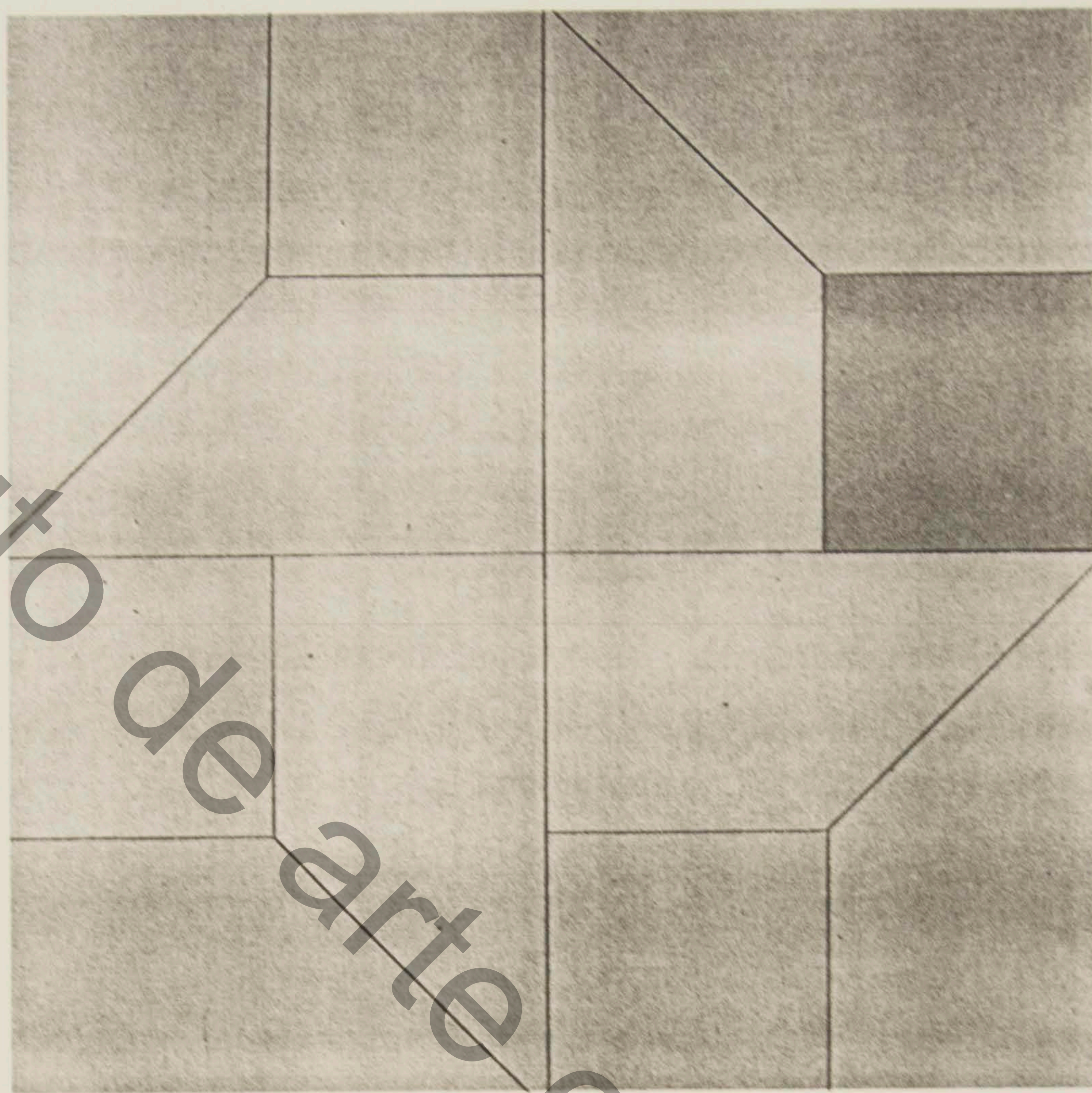
Integrantes: Alexandre Wollner, Aluísio Carvão, César Oiticica, Décio Vieira, Fiaminghi, Geraldo de Barros, Hélio Oiticica, João José Costa, Judith Lauand, Lygia Clark, Maurício Nogueira Lima, Rubem Ludolf, Sacilotto, Volpi e Waldemar Cordeiro (Pintura); Charoux (Desenho); Lygia Pape (Gravura); Amílcar de Castro, Franz Weissmann e Féjer (Escultura); Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Haroldo de Campos, Ronaldo Azeredo e Wladimir Dias Pino (Poesia), entre outros

Histórico/Objetivos

Por iniciativa dos concretos paulistas, realizou-se no MAM/SP e no Ministério da Educação do Rio de Janeiro a I Exposição Nacional de Arte Concreta, que reuniu trabalhos de artistas das duas cidades e contou com palestras e conferências de críticos, poetas e pintores.

Pela primeira vez no país foi apresentado um amplo panorama das artes plásticas e da poesia concreta, tendo sido lançado o Plano-Piloto da Poesia Concreta, de Décio Pignatari. Entretanto, a mostra acabou por ressaltar divergências flagrantes entre os artistas, que levariam ao rompimento dos cariocas com o concretismo paulista.

Para Roberto Pontual, “de um lado, propunha-se a concentração de esforços no conceito de pura visualidade da forma, na poesia como nas artes plásticas, eliminando dela toda e qualquer veleidade de dimensão simbólica. Do outro, acentuava-se a consideração da obra de arte como fato orgânico, e não como mera ‘máquina’ ou ‘objeto’, embora sem deixar o âmbito não-figurativo geométrico”. Como consequência dessa divergência surge, dois anos depois, o Grupo Neoconcreto carioca.



Lygia Clark
Plano em superfícies moduladas nº 3
75 x 75 cm, 1958
Coleção Jean Boghici